

USAID ajuda a criar postos de trabalho nas fábricas e a aumentar os rendimentos dos camponeses nas zonas rurais remotas

Tecnologia Simples Revitaliza Moçambique

Após uma guerra civil que durou 16 anos e que devastou a economia do país, o empresário moçambicano António Miranda viu uma oportunidade no caju – uma indústria que já foi próspera, mas estava praticamente abandonada no fim do conflito. Moçambique tinha sido o maior produtor mundial do caju antes da sua independência em 1975, largamente conhecido pela exportação de amêndoa de caju de alta qualidade para os mercados internacionais

Os dias das grandes fábricas de processamento do tempo colonial tinham acabado, mas António Miranda, de 53 anos, teve uma ideia melhor. Ele dispôs-se a juntar o melhor que havia do antigamente com o novo, aliando a reputação de Moçambique de produzir amêndoa de qualidade superior a uma tecnologia inovadora, para criar postos de trabalho e conseguir um crescimento económico sustentável para algumas das zonas rurais mais pobres do país.



Foto: TechnoServe/Ditlev Schwanenflugel

Trabalhadoras da fábrica de Miranda a processarem amêndoa de caju em Namige.

***“Muitas pessoas choraram porque não havia postos de trabalho suficientes na fábrica. Realmente gosto de trabalhar aqui. Agora tenho dinheiro para dar de comer e educar os meus filhos.”
- Atija Soalahe, viúva de 33 anos com seis filhos***

Mas primeiro, Miranda teve que resolver um problema técnico. As tentativas iniciais de reconstruir a indústria do caju nos meados da década de noventa centraram-se em grandes fábricas com equipamento de processamento mecânico. Mas a tecnologia era imprópria porque as máquinas destruíam uma boa parte do valor da amêndoa porque muita se partia durante o processamento. Miranda encontrou uma solução com a ajuda da TechnoServe, um grupo não lucrativo de desenvolvimento empresarial financiado pela USAID. Trabalhando com um especialista local da área do caju, Miranda introduziu um método simples de processamento manual de trabalho intensivo para produzir grandes volumes de amêndoa de caju inteira de alta qualidade, a baixo custo.

Com financiamento da USAID, a TechnoServe está a identificar empresários com ideias viáveis que beneficiarão os pobres das zonas rurais de Moçambique, estabelecendo alianças com empresas, a sociedade civil e os dirigentes do governo envolvidos no desenvolvimento económico das zonas rurais. No sector do caju, a parceria USAID - TechnoServe centrou-se na criação de processos adequados para melhorar a qualidade da amêndoa crua e processada e para ajudar empresários como António Miranda a atrair investidores e a garantir financiamento

Em 2002, Miranda investiu numa fábrica piloto na comunidade rural remota de Namige, no nordeste de Moçambique. A zona tinha problemas graves de desemprego e a maior parte da população mal podia sobreviver na base da agricultura de subsistência. Com mão-de-obra local, Miranda reconstruiu as ruínas de um edifício bombardeado durante a guerra civil e informou a comunidade que pretendia recrutar trabalhadores. Mais de 1.000 pessoas apresentaram-se para concorrer para os primeiros 70 postos de trabalho de processamento de castanha de caju.

Dentro de meses, a fábrica de castanha de caju de Namige tinha ultrapassado todas as outras de Moçambique em termos de lucratibilidade e qualidade do seu produto. Perto de 500 pessoas

trabalham na “Miranda Caju”, ganhando cerca de \$2 por dia – quatro vezes o salário médio local. Eles submetem a castanha ao vapor, descascam, secam, retiram a película, classificam e embalam-na a vácuo, sendo depois transportada em camiões para o porto de Nacala e daí exportada para a Europa, onde a castanha moçambicana, mais uma vez, voltou a conquistar o seu lugar.

Os que trabalham na fábrica não são os únicos moçambicanos das zonas rurais cujo nível de vida está a melhorar devido à revitalização da indústria de caju. Os pequenos agricultores estão, também, a colher os benefícios. Em 2003, Miranda comprou a castanha de caju de 11.500 pequenos produtores da região. A localização da empresa, no coração da região produtora da castanha, permite-lhe comprar directamente, eliminando o intermediário, e pagando um preço mais elevado que os camponeses locais conseguiam obter no passado.